

Não admira que Erskine (⁴⁵) haja dito a propósito dos regimentos que teve a oportunidade de observar :

«Vestiam-se alguns com penas, pele e caudas; mas a maioria dispunha apenas de pedaços de pele de cabra... Um exército entre os nossos Zulos é um espectáculo impressionante; mas estes seus parentes degenerados fazem triste figura nos seus trajos de guerra.»

Recorde-se, no entanto, quão incómodo e até prejudicial à eficiência militar seria tão grande número de atavios e armas durante os assaltos, os combates, as emboscadas e as longas marchas. O traje completo seria possivelmente envergado apenas durante as grandes cerimónias nacionais e guerreiras. Note-se, na realidade, a impressão feita sobre Ayres d'Ornelas (¹²⁸), pelos 6000 guerreiros concentrados em Agosto de 1895, na capital real, durante as negociações com os emissários portugueses, guerreiros que «ostentavam toda a gala e a riqueza selvática do magnífico traje de guerra vátua».

Entre os Angones a actividade militar encontrava-se estreitamente associada aos cantos e às danças, como meios de reforçar a disciplina, o entusiasmo guerreiro e, enfim, o espírito de unidade de combate. Os diferentes regimentos, nas ocasiões solenes e cerimónias nacionais rivalizavam entre si e criavam, frequentemente, hinos exclusivos.

O emprego de tambores era inteiramente banido nestas manifestações bélicas, mesmo entre os povos autóctones vangunizados. Como acontecia com os Angonis relativamente às danças dos Cheuas e Nhanjas, assim também os vangunes e vangunizados desprezavam as danças chopes em que predominavam os tambores.

A *guba* era a apresentação colectiva mais solene. Os guerreiros do regimento ou dos regimentos formavam em círculo, envergando os seus melhores atavios militares, empunhando no braço esquerdo o escudo e na mão direita apenas a moca. Pelo espaço que exigia é possível que, a exemplo dos Ndebele, o escudo de guerra fosse, nestas formações, substituído por um escudo de dança, mais pequeno e manejável. Limitavam-se a executar lentos e coordenados movimentos, marcando compasso com as

batidas dos pés no solo e, por vezes, das mocas nos escudos. A massa coral revestia-se de extrema imponência. Esta apresentação recebia também o nome de *mutchongole*. Entre os Makwakwas de Inhambane, era conhecida por *messongola* e nela participavam as mulheres, que formavam em frente dos guerreiros, acompanhando o coro e envergando os seus melhores panos e adornos de *missanga*.

A *guila* ou *guiya* (significando «moca» que nesta dança substituíra a azagaia que podia ferir) era a exibição individual dos guerreiros, sobretudo dos que se distinguiam pela sua coragem, astúcia e resistência. O bravo podia proferir pública e orgulhosamente louvores pessoais em que aludia aos seus mais notáveis feitos de armas. Mas tais louvores eram, de preferência, bradados pelos camaradas, enquanto ele dançava e urrava selvaticamente, a sós, no meio do círculo, simulando combater um inimigo imaginário. O encorajamento dado a cada guerreiro e o grande clamor final dos presentes eram designados por *cuza* ou *cunzela*. Era nesta altura que, no auge da excitação, os mais insofridos podiam ridicularizar ou mesmo injuriar o chefe, acusando-o de poltrão e incitando-o a ganhar suficiente coragem para lhes ordenar que fossem matar o maior número possível de inimigos.

Contudo, a *guila* tinha as suas regras porque, quando os regimentos se encontravam reunidos, os guerreiros mais jovens e ainda ignorados não deviam dançá-la antes dos mais idosos. A violação deliberada desta regra equivalia a uma provocação dirigida ao guerreiro ou aos regimentos rivais e, como tal, estes podiam lançar desafios para duelo ou combate.

Falta-nos agora referir o grande hino heróico do exército, *uimeban*. Gomes da Costa⁽³⁰⁾, impressionado com a sua grandiosidade, descreve-o deste modo :

«Ouvia-a cantar por cerca de seis mil homens uma tarde ao pôr-do-sol voltando dum combate; e na planície imensa que percorríamos, sob o céu dum azul opalino, diáfano, envolvidos pela atmosfera tranquila e serena, com os nervos ainda vibrando da excitação do combate, essa canção grave, magestosa e heróica, soou-me como um cântico de graças ao Altíssimo, como um hino sagrado. E essa impressão foi tal que jamais me esqueceu, e ainda hoje só a sua recordação me faz vibrar os nervos como nesse dia sagrado... É a maneira como está organizado o coro que torna magnífica esta canção. Numa reunião de impis, um grupo de vinte ou trinta homens a partir da direita começa a canção; um segundo grupo ataca a primeira nota quando

o primeiro grupo começa a terceira; o terceiro grupo começa quando a segunda termina a terceira e assim sucessivamente...

*Uimeban, Uimeban
Uime a panse come jab
Uimeban*

*.....
áhô*

*.....
jue.»*

O mesmo autor dá dela a seguinte tradução livre :

Em vão colimas! em vão trabalhas a terra!
Nossas serão as colheitas quando passarmos com a guerra.
A guerra triunfante!

Não menos entusiásticas são as palavras de Ayres d'Ornellas⁽¹²⁸⁾ que o ouviu cantar durante as reuniões efectuadas na capital de Gungunhane, em Agosto de 1895, entre os emissários portugueses e o conselho formado pelos membros mais proeminentes da família real :

«Nada no mundo pode dar uma pálida ideia da magnificência do hino, da harmonia do canto, cujas notas graves e profundas vibradas com entusiasmo por 6000 bocas faziam-nos estremecer até ao íntimo. Que majestade, que energia naquela música, ora arrastada e lenta, quase moribunda, para ressurgir triunfante num frémito de ardor, numa explosão queimante de entusiasmo! E à medida que as mangas se iam afastando, as notas graves iam dominando, ainda por largo espaço, reboando pelas encostas e entre as matas do Manjacaze. Quem seria o compositor anónimo daquela maravilha? Que alma não teria quem soube meter em três ou quatro compassos, a guerra africana, com toda a acre rudeza da sua poesia? Ainda hoje nos «cortados ouvidos me ribomba» o eco do terrível canto de guerra vátua, que tantas vezes o esculca chope ouviu trânsito de terror, perdido por entre as brenhas destes matos...».

*

Provém-nos mais uma vez do Dr. Liengme⁽⁹⁰⁾ uma informação segura mas muito superficial sobre o importante costume angune da apo-